

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

RICARDO SILVA ALEIXO

**O Direito de Fotografar: a Mobgraphia como Expressão e
mecanismo de preservação das práticas culturais**

São Paulo

2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**O Direito de Fotografar: a Mobgraphia como Expressão e
mecanismo de preservação das práticas culturais**

Ricardo Silva Aleixo

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista em Gestão de Projetos
Culturais.

Orientador: Prof. Dr. Danilo Oliveira

São Paulo

2022

AGRADECIMENTO

Sou Ricardo Aleixo, diretor de fotografia, arte educador e produtor cultural. Atuo em trabalhos e projetos na produção audiovisual a mais de 10 anos e aqui neste artigo transponho os processos empíricos adquiridos durante a formação do curso de Gestão de Projetos Culturais na Universidade de São Paulo – USP –, pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Comunicação e Cultura – CELACC –, juntamente a indagações e processos teóricos e técnicos vivenciados no meu campo profissional, formativo e humano. Aqui deixo os agradecimentos ao corpo docente do curso GESTCULT, em especial ao meu orientador prof. dr. Danilo Oliveira por todo apoio e dinâmica de ensino apresentados, assim como aos Professores Cláudia Vendramini Reis; Dennis de Oliveira e Karina Poli Lima da Cunha pelos encontros e debate sobre os impasses causados por conta do Covid-19 decorram acerca de reflexões voltadas aos campos político, cultural e econômico, contrapondo e pontuando as práticas de fomento como o marcos sobre a recente política de desmonte cultural. Não podendo deixar de agradecer à equipe técnica e de secretaria por toda atenção e compreensão dada como aporte institucional.

Agradeço ao coordenador do projeto Rede Escola Rio – RER –, Fernando Mozart pela entrevista concedida via *Zoom Meeting* e aos entrevistados convidados para a pesquisa via formulário, fundamentais para a evolução desta pesquisa.

No mais, sei de onde vim, por onde andei e o que passei! E pode parecer um tanto cheio de ego e soberba, mas faço da frase do *rapper* Snoop Dogg que agradeceu a si próprio ao ganhar uma estrela na Calçada da Fama de Hollywood, dias antes do 25º aniversário de seu álbum de estreia, “*Doggystyle*”. (EXAME 20/11/2018).

“Quero agradecer a mim por todo esse trabalho. Quero agradecer a mim por não ter me tomado dias livres. Quero agradecer a mim por nunca desistir. Quero agradecer a mim por sempre dar e tentar dar mais do que o que recebo.”

Snoop Dogg, 19/11/2018.

Realizo um agradecimento em especial aos entrevistados que disponibilizaram o seu tempo, sua criticidade e seu conhecimento para responder ao questionário que permitiu trazer métricas e costura de saberes na evolução deste trabalho. Obrigado à Alysson Freitas; Bruno Gomes; Camilla Rodrigues Lima; Carolina Andrade; Hemerson Mourão; Jorge Dayeh; Luiz Carlos L. Silva; Luiz Gonzaga Guimarães de Castro; Matheus Souza (conativo); Miriã Reis Brasil da Conceição; Monica Rodrigues Klemz; Noale Toja; Rafael Galo; Roberta Miller; Tiago Coelho; Vera Nacia Duarte Franco.

O DIREITO DE FOTOGRAFAR: A MOBGRAPHIA COMO EXPRESSÃO E MECANISMO DE PRESERVAÇÃO DAS PRÁTICAS CULTURAIS¹

Ricardo Silva Aleixo²

Resumo: O presente artigo propõe pontuar a fotografia móvel como ferramenta e linguagem que possibilitam o fomento e manutenção da identidade e das ações culturais, tendo como questionamento central o direito de fotografar, numa reflexão de inspiração sobre a obra de Antônio Candido, *O Direito à Literatura*. A pesquisa propõe decorrer por meio de entrevista e relatos dos criadores de mobgraphia; artistas, orientadores, educadores e fotógrafos que usufruem, ou não, deste recurso como mecanismo de registro documental e do projeto Rede Escola Rio – RER –, que aborda a linguagem da produção audiovisual móvel, foto e vídeo, como ferramenta de extensão de ensino para professores da rede pública do município do Rio de Janeiro. O método de pesquisa ocorreu por meio de formulário *on-line* da plataforma *Google*, entrevistas semiestruturadas e conversa livre com o entrevistado, correlacionando-os ao fichamento e ao levantamento bibliográfico em torno da temática da fotografia e os conceitos de cultura de John B. Thompson.

Palavras-chave: Mobgraphia. Fotografia Móvel. Identidade Cultural. O Direito de Fotografar. Leitura Visual.

Abstract: This paper proposes to punctuate the mobile photography as a tool and language that enable the promotion and maintenance of identity and cultural actions, having as central questioning the right to photograph, in a reflection of inspiration on the work of Antônio Candido, *O Direito à Literatura* (The Right to Literature). The research proposes to take place through interviews and reports from the creators of mobgraphia; artists, instructors, educators and photographers who use, or not, this resource as a mechanism of documentary record and the Rede Escola Rio - RER - project, which approaches the language of mobile audiovisual production, photo and video, as a teaching extension tool for teachers of the public network in the city of Rio de Janeiro. The research method was done through an on-line Google platform form, semi-structured interviews and free conversation with the interviewee, correlating them to the fiching and bibliographic survey around the theme of photography and the concept of culture by John B. Thompson.

Keywords: Mobgraphia. Mobile Photography. Cultural Identity. The Right to Photograph. Visual Reading.

¹Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

²Pós-graduando em Gestão de Projetos Culturais.

Resumen: Este trabajo propone puntuar la fotografía móvil como herramienta y lenguaje que permite la promoción y el mantenimiento de acciones identitarias y culturales, teniendo como cuestionamiento central el derecho a la fotografía, en una reflexión de inspiración en la obra de Antônio Candido, El derecho a la literatura. La investigación se propone realizar a través de entrevistas e informes de los creadores de la mobgrafía; artistas, profesores, educadores y fotógrafos que utilizan o no, este recurso como mecanismo de registro documental y el proyecto Rede Escola Rio - RER - que aborda el lenguaje de la producción audiovisual móvil, foto y vídeo, como herramienta de extensión pedagógica para los profesores de la red pública en el municipio de Río de Janeiro. El método de investigación se produjo a través de la forma en línea de la plataforma de Google, entrevistas semi-estructuradas y la conversación libre con el entrevistado, correlacionándolos con el fichamento y la encuesta bibliográfica en torno al tema de la fotografía y los conceptos de la cultura de John B. Thompson.

Palabras clave: Mobgrafía. Fotografía Móvil. Identidad cultural. El derecho a fotografiar. Lectura visual.

1. INTRODUÇÃO

A fotografia digital, como hoje a conhecemos, compartilhamos e compreendemos, ou pensamos compreender, está bem distante dos seus primeiros passos como no uso da câmara escura na produção das pinturas e do processo fotográfico em Daguerreótipo. O advento de novas plataformas, técnicas e mecanismo de produção e difusão das mídias visuais que atuam como mecanismo de imersão e preservação das práticas culturais, como o celular, são, então, pontos de observação sobre o que o presente artigo busca refletir por meio da questão do acesso ao campo simbólico relacionado ao direito de fotografar, uma indagação originada numa reflexão em leitura do texto de Antônio Candido, *O direito à Literatura*.

O presente artigo direciona, portanto, seu foco de pesquisa no usufruto da ferramenta móvel como processo fotográfico no registro da imagem, seja esta estática ou em movimento, correlacionando-o à potência e acessibilidade do processo de registro imagético na difusão de saberes coletivos e/ou particulares por meio do conceito da *mobgraphia*, que se entende como a criação, finalização e difusão de mídias por meio do celular – seja foto ou vídeo. Para tanto, questiona-se a fronteira dada ao usuário dessa linguagem sobre o acesso ao campo simbólico como fotógrafo.

Assim, a fim de obter esse entendimento sobre o acesso a tal chancela simbólica, o artigo desenvolveu-se como mecanismo de pesquisa na realização de uma entrevista qualitativa via a plataforma *Zoom Meeting* com o coordenador do projeto Rede Escola Rio – RER –, Fernando Mozart e o levantamento de dados quantitativos por meio de formulários realizados na plataforma do *Google* no convite de 16 entrevistados, sendo esses imersos ao processo criativo fotográfico e organizados entre os segmentos da grande indústria cinematográfica. Serão, portanto, contrapostos os segmentos da criação e da produção independente, seja como os elaborados por criadores de conteúdo digitais, por educadores da rede pública, por produtores de audiovisual; *filmmakers*; cineastas e fotógrafos.

De forma a observar a relação entre a imagem que permanece atravessando um processo de reprodutibilidade e compartilhamento visual contínuo por meio da tecnologia e comunicação digital, como cita Sebastião Salgado, fotógrafo brasileiro, em entrevista ao canal DW BRASIL em 2020, e a criação móvel a qual se aplica como um ato de comunicação visual e não um processo fotográfico. Tal percepção dialoga com o fato da ferramenta fotográfica estar embutida em múltiplos equipamentos que proporcionam aos seus usuários o registro de seu primeiro clique, que por muitas vezes ocorre bem antes de o autor do disparo fotográfico ter a consciência da fala e do andar, mas faz-se levado aos instintos de reconhecer e entender seu meio por via de um objeto de recursos quase que acessível a todos e de recurso

ilimitado, o celular. E, com objetivo de aprofundar novas perspectivas para o desenvolvimento do presente artigo, Mozart trouxe apontamentos sobre ser inegável que a imagem móvel seja um processo crucial e cada vez mais imersivo na projeção de futuro como mecanismos de comunicabilidade visual. Ao mesmo tempo, faz-se inegável que a ferramenta possibilita ao fotógrafo a criação imagética como um ato fotográfico.

O debate sobre a fotografia se estende a cada nova tecnologia, técnica e linguagem acaba por analisar a ferramenta móvel como elemento de potência para além da prática do registro imagético, mas também como mecanismo de compartilhamento de saberes, que se encontram cada vez mais acessíveis juntamente com as principais plataformas de compartilhamento digital nas redes sociais, como o *Tiktok* e o *Instagram*. Um processo, evidenciado por conta do isolamento social proporcionado pelo Covid-19, seja na troca de técnicas, características identitárias e práticas culturais como conteúdo informativo e entretenimento por meio das redes sociais em um período em que a violência e insegurança pública, tão quanto a impossibilidade de abranger a cidade (quem conhece todos os bairros de uma capital?) levam a procurar na intimidade doméstica, em encontros confiáveis, formas seletivas de sociabilidade. Canclini(2008).

Visto que na pandemia ações distintas foram tomadas e a segregação reforçada nas ações dos grupos populares saírem pouco de seus espaços, sejam periféricos ou centrais, os setores médios e altos multiplicam as grades nas janelas, fecham e privatizam ruas do bairro. Para todos, o rádio e a televisão, para alguns, o computador, ou a ferramenta móvel no usufruto dos conteúdos digitais conectados para serviços básicos, transmitem-lhes a informação e o entretenimento a domicílio, como bem nos lembra Canclini(2008).

O artigo propõe, para tema de pesquisa, o questionamento ao direito de fotografar, correlacionando o acesso à produção visual da mobgraphia como mecanismo de preservação das práticas culturais, não deixando de pontuar que o acesso à ferramenta móvel não se correlaciona à manutenção de movimentos culturais ou à concessão do criador visual ao campo simbólico e seu respectivo direito de fotografar. Mas buscamos, inclusive, observar como o acesso aos recursos móvel e a linguagem da mobgraphia podem favorecer o registro visual e a manutenção de práticas culturais. Em consonância, analisamos se o mesmo ocorre quando o autor detém o direito de fotografar, seja por uma ótica de mercado, seja no usufruto ou ausência de recursos técnicos e materiais que o inserem sobre a detenção de capital econômico, cultural, numa relação de poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento, ou a chancela institucional de espaços culturais para ter condição de impor o seu valor e status como fotógrafo. Tendo como referência teórica a obra de Antônio Candido (2011) em O

Direito à Literatura”, em conformidade com o conceito de cultura, de John B. Thompson(1990); e Culturas Híbridas, de Nestor Garcia Canclini (2008).

2. O ACESSO E USUFRUTO DA MOBGRAPHIA

Antes de adentrar no debate acerca do direito de fotografar no usufruto da ferramenta e linguagem móveis, talvez seja interessante refletir sobre a importância do entendimento referente à leitura da imagem fotográfica como meio de compreensão imagética a relatar uma reprodução visual sistemática. A mobgraphia e a fotografia são linguagens visuais que apresentam uma relação técnica e afetiva entre a ferramenta, o fotógrafo, o criador visual e sua composição. Uma troca entre elementos mecânicos, físicos, eletrônicos, químicos, analógicos e digitais que dialogam com as percepções biológicas humanas no registro de uma emoção, expressão, história e vivências culturais, ou não, mas que se entrelaçam com as três faces da literatura que se correlacionam à construção da imagem e sua expressividade por via do que Antônio Candido (2011, p. 178) nos apresenta em relação às três faces da literatura: “(1) da construção de objetos autônomos com estrutura e significado”, no entendimento de que a imagem fotográfica e a produção mobgraphia são uma materialização de uma ação cristalizada, por meios da relação de impressão da luz em uma base fotossensível e/ou eletrônica; “(2) na capacidade de forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos”, a mobgraphia é uma forma de expressão e registra o instante da ação, emoção e a difunde na particularidade de cada ferramenta em seu meio social a partir de múltiplas plataformas, podendo ser ressignificada em meios de pós-produção digital, e/ou a manutenção da mídia como memória afetiva; “(3) na forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente”. A mobgraphia, portanto, como linguagem e técnica fotográfica têm a capacidade de registrar e transpor conhecimentos, percepções, por meio da sensibilidade do olhar em sua prática de fotografar, seja por via de suporte móvel ou não, de acordo com relação perceptiva da imagem, sua leitura e estudo visual a deslumbrar e difundir saberes sobre uma ação consciente ou não.

A reflexão da fotografia em diálogo com as três faces da literatura apresentadas por Candido (2011) reflete a mobgraphia como um elemento de prática construtiva a corroborar com o diálogo sobre o acesso e direito à fascinação como entretenimento e mecanismo de difusão de conhecimentos. A câmera fotográfica móvel possibilita ao fotógrafo e o criador de conteúdo digital o acesso ao desenvolvimento de processos imagéticos por meio da estética visual e sua mensagem criada, ou, melhor dizendo, clicada. Mas tal conjuntura o coloca sob uma linha tênue do registro de uma memória afetiva e da era do excesso na criação de

conteúdo. É possível acreditar que possamos chamar aqui de uma irracionalidade criativa visual que se dá na produção intensa de mídias visuais que não se equivale à capacidade humana de compreensão a essa gama de arquivos que atravessam centros urbanos, periféricos e rurais. Que na indagação de Nestor Canclini (2008) sobre como explicar que muitas mudanças de pensamento e gostos da vida urbana coincidam com os do modo rural, se não por que as interações comerciais deste com as cidades e a recepção da mídia eletrônica nas casas rurais que os conecta diretamente com as inovações modernas? Atualmente podemos pontuar os meios de comunicação digitais móvel como a principal fonte de difusão de informação e influência de costumes e lazer. Candido (2011, p. 175) cita a relação do homem e sua contradição ao tempo, que em eras passadas se apropriou do seu vínculo com a natureza e seus meios; já em eras atuais, mergulha na imensidão de racionalidade técnica de forma a dominar e propor resoluções como antes nunca imagináveis. Mas, ainda assim, o homem contemporâneo promove a irracionalidade pelos mesmos mecanismos que o torna racional e tecnológico. Como o usufruto da ferramenta móvel em que 100% dos entrevistados acreditam que o celular seja uma ferramenta de potência no registro e difusão de práticas culturais, a contrapor 62% que apontam a existência da desvalorização profissional pelo uso do celular como ferramenta de trabalho, evidenciando a mobgraphia como um mecanismo de potência e desvalorização.

Logo, o homem tecnológico registra e se expressa por meio da imagem e no usufruto da mobgraphia, que tem a capacidade de transpor e comunicar conhecimentos, e, da mesma forma que a literatura deve ser destrinchada, lida como meio de observação visual, debatida e questionada para obter a plena compreensão, assim deve decorrer com a fotografia. Uma leitura visual, seja por meio de uma narrativa abstrata, conceitual ou narrativa. É como a relação de uma criança com um lápis de cor em mãos sobre um caderno de folhas em branco, e imaginamos de imediato os primeiros traços e rabiscos ocorrendo na realização de desenhos abstratos, processos e curiosidades. Assemelha-se ao desenvolvimento do processo fotográfico: um descobrimento visual que, se não for observado, lido visualmente, interagido, instruído como um processo de aprendizagem e domínio, será apenas uma gama de papel a ser descartado, ainda que dialogue com a expertise de uma construção de objeto de forma autônoma com recursos e estrutura da ferramenta móvel na busca de significado. Portanto, conseguimos entender a fotografia de forma semelhante à literatura, como “uma forma expressão e projeção de mundo, conhecimento e aspectos inconscientes que compõem sua formação”(CANDIDO, 2011, p. 178), ainda que as fotos se percam sob o mar de registros na galeria do equipamento móvel, materializando uma produção contínua, cíclica que decorre na

criação de lixo digital. Este, podemos aqui nomear de aterros de dados virtuais, que não são lidos, mas deletados em um campo virtual desconhecido, “sem equilíbrio” como cita Cartier Bresson, resumindo-se apenas como um meio de comunicação visual e não um processo fotográfico em toda sua amplitude de significado. Não podendo ainda assim negar que da mesma forma que os rabiscos das folhas em branco possam instigar o desenvolvimento conectivo, neural e motor de uma criança em processo de formação. O excesso da criação imagética alimenta “aterros digitais”, os lixos virtuais, e não possibilita uma leitura intrínseca a cada conteúdo criado, mas se torna um feixo de luz para o aprendizado e usufruto de linguagem, ferramenta, técnica como mecanismos de comunicabilidade, documentação e autoconhecimento para seu autor de criação imagética.

3. O DIREITO AO CAMPO SIMBÓLICO

Antônio Candido (2011) afirma que a literatura pode se materializar como uma busca sobre o estímulo à fascinação, à construção de significados, à capacidade de forma de expressão, ou como meio de conhecimento, o que também se observa no que tange à fotografia. Talvez, o encaminhamento deste artigo não traga apontamentos analíticos verticais que possam resultar em uma conclusão sobre o acesso ao campo simbólico como fotógrafo no usufruto da ferramenta móvel. Portanto, o gráfico abaixo representa uma pesquisa feita com 16 participantes acerca do conhecimento formal de fotografia. Do quantitativo, 31,3% dos entrevistados alegam que o não acesso ao conhecimento formal não interfere sobre a chancela ao campo simbólico, já 6,3% afirmam a interferência e 56,3% expressam uma perspectiva relativa, ou seja, a depender de cada caso.

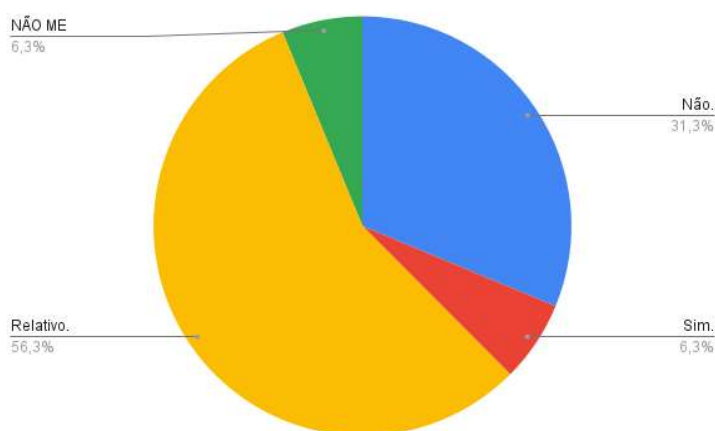


GRÁFICO 1 – Acesso ao conhecimento formal

Fonte: Elaboração própria.

Não ME – não me enquadro.

Mas o direito de acesso à fotografia móvel e seus recursos linguísticos e técnicos não equivalem ao contato direto entre o fotógrafo ou o criador visual numa relação de seu conteúdo com o seu público e/ou audiência. Mas o acesso às plataformas digitais proporcionado pela prática da mobgraphia, seja por meio do *Tiktok* ou do *Instagram*, por exemplo, possibilita o alcance para além das fronteiras físicas, que não equivalem ao valor qualitativo do conteúdo criado, mas abrange uma estrutura de algorítmico que promove o compartilhamento de saberes, difusão de práticas, costumes e vivências culturais sobre um fluxo acelerado que não corresponde ao tempo hábil da capacidade humana de absorção das informações visuais. Logo, o mercado reorganiza o mundo como palco de consumo e dramatização dos signos de status. Como as ruas se tornam saturadas de carros, de pessoas apressadas para cumprir obrigações profissionais ou para desfrutar uma diversão programada, quase sempre conforme a renda econômica” (Canclini, 2008, p. 288). Ao mesmo tempo em que atualmente não imaginamos conviver sem uma projeção de mundo sem acesso a essa gama de plataformas digitais que geram acervos dinâmicos de compartilhamento imagético e simbólico conforme cita John B. Thompson:

A produção e circulação das formas simbólicas nas sociedades modernas são inseparáveis das atividades das indústrias da mídia. O papel das instituições da mídia é tão fundamental, e seus produtos se constituem em traços tão onipresentes da vida cotidiana, que é difícil, hoje, imaginar o que seria viver num mundo sem livros e jornais, sem rádio e televisão, e sem os inúmeros outros meios através dos quais as formas simbólicas são rotineira e continuamente apresentadas a nós. (THOMPSON, 1990, p.219)

Em uma gama de conteúdo gerado e compartilhado que proporciona um leque de difusão contínua de mídias que aproximam grupos sociais por meio de similaridades etnoculturais, ao mesmo tempo em que confronta estereótipos impostos por uma perspectiva de cultura elitista, e de olhar eurocêntrico sobre grupos que são descriminalizados, e com acesso limitado ao capital simbólico como fotógrafo, e seu direito de fotografar. Que para Candido (2011, p. 175), nada mais é que uma analogia dada à relação de valor e importância elaborada em Economia Política, a teoria da “Utilidade Marginal”, segundo a qual o valor de uma coisa dada depende em grande parte da necessidade relativa que temos dela. O fato é que cada época e cada cultura fixam os critérios de incompressibilidade ligados à divisão da sociedade em classes, pois inclusive a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não o é para outra.

Desta forma, podemos compreender que a relação de direito de fotografar está diretamente ligada ao interesse, seja este sobre o campo econômico, social e/ou cultural. Se uma prática visual potencializa e difunde, por meio de recursos técnicos visuais, a memória de uma expressão cultural da periferia, mesmo que não desperte o interesse de uma elite privilegiada no fomento à gestão de políticas públicas culturais, essa prática é oprimida pela ação do poder. Como podemos materializar na entrevista, citada a seguir, à CNN com Isabelle Resende:

Uma pesquisa realizada pelo Centro de Estudos de Segurança Pública e Cidadania (Cesec) mostra que 63% das abordagens policiais na cidade do Rio de Janeiro têm como alvo pessoas negras. Os dados inéditos revelam, segundo a coordenadora do estudo, a socióloga Silvia Ramos, o caráter racista como centro da atividade policial do estado do Rio de Janeiro. De acordo com o levantamento, um quinto (17%) dessas pessoas já foi abordado pela polícia mais de 10 vezes. Ao olhar para o local das abordagens, os pesquisadores perceberam que as atividades comuns para pessoas brancas são vistas como suspeitas para pessoas negras. Os negros correspondem a 68% das pessoas abordadas andando a pé na rua ou na praia, enquanto apenas 25% dos brancos são parados pela polícia nas mesmas circunstâncias. O mesmo cenário se repete, por exemplo, quando um negro está a bordo de um táxi, carro de aplicativo ou numa moto, seja como motorista ou passageiro. Em todas as modalidades de abordagem, sem exceção, os negros são mais parados do que os brancos. (Isabelle Resende da CNN – Rio de Janeiro, 15/02/2022, às 08:40. Atualizado 15/02/2022, às 11:43)

A análise de que o direito de fotografar se transpõem para além de uma chancela simbólica e se torna dispensável por meio da desqualificação dos autores visuais, seja pelo perfil racial, quadro socioeconômico tipo de maquinaria, processo fotográfico usado ou por não ser detentor de ferramentas técnicas, conceituais e formativas, demonstra uma estrutura social de classe que não assegura bens incompressíveis, talvez a sobrevivência física em níveis decentes. De forma a se entender que bens incompressíveis é a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte, a fotografia, mobgraphia e como corrobora Candido (2011) à literatura:

Penso na sua distinção entre “bens compressíveis” e “bens incompressíveis”, que está ligada a meu ver com o problema dos direitos humanos, pois a maneira de conceber a estes depende daquilo que classificamos como bens incompressíveis, isto

é, os que não podem ser negados a ninguém. Certos bens são obviamente incompressíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compressíveis, como cosméticos, enfeites, roupas supérfluas. Mas a fronteira entre ambos é muitas vezes difícil de fixar.(CANDIDO,2011, p. 176)

Afirmar e reafirmar a estética da fotografia móvel e o reconhecimento ao campo simbólico do fotógrafo móvel seja esse preto, nordestino, nortista, indígena, quilombola e periférico como autor da linguagem visual no direito de fotografar, fugindo do grande eixo da elite econômica e cultural da capital do Rio de Janeiro e São Paulo, é possibilitar que os detentores de um recurso eletrônico possam ser reconhecidos e entendidos como fotógrafos e que apresentem a real autonomia e olhar para vivenciar e captar por meio de sua lente uma singularidade étnica e cultural. Em específico, o negro periférico que acaba por se tornar vítima de uma perspectiva de não pertencimento ao setor da produção fotográfica, seja pela ausência de um “equipamento profissional”, domínio da técnica, do acesso a espaços formativos visuais, como toda estrutura racial empregada na sociedade brasileira. E, desta forma, nega-se o direito de fotografar à população, assim como sua identidade simbólica como fotógrafo, que é vista com um bem dispensável por grupos privilegiados.

Nota-se, portanto, que a relação do homem com a imagem está no reconhecimento do espaço e de seus meios. A fotografia é uma ferramenta que contempla múltiplas linguagens, adaptando-se a cada tecnologia, ganhando novas formas, técnicas e estéticas. Além disso, o levantamento da pesquisa realizada mostra que, para 68% dos entrevistados, o acesso ao campo simbólico como fotógrafo torna-se importante no reconhecimento sobre a perspectiva de mercado e a concessão ao direito de fotografar no usufruto da ferramenta móvel. Em contrapartida, 25% acreditam que esse apontamento é relativo, tendo projeção nula a contrapor a importância sobre a obtenção do campo simbólico.

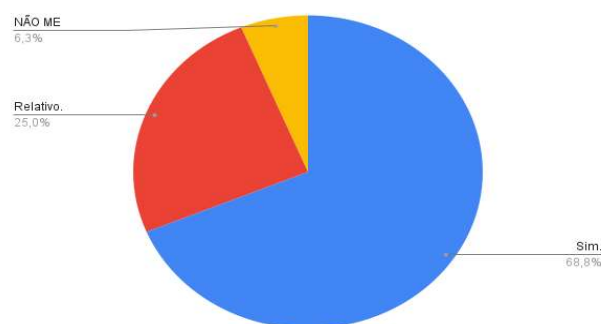


GRÁFICO 2 – Acesso ao campo simbólico

Fonte: Elaboração própria.

Não ME – não me enquadro.

O produtor de mobgraphia detém sobre si o pleno direito de expressão e registro de seu espaço afetivo na difusão e manutenção de movimentos e expressões culturais, seja sobre uma realidade urbana, periférica, barroca, preta, indígena e/ou quilombola. Tendo como ênfase o fotógrafo móbil ou o criador de conteúdo digital em seu local de fala, aquele que apresenta sobre si a autonomia e a vivência relativas ao espaço e à prática cultural a serem documentadas como meio de manutenção identitária, pois abdicar do ato de fotografar é se isentar do direito do registro de uma memória, do instante dado entre a razão e o sentimento, e deixar de alinhar a cabeça, olho e emoção, como afirmou o próprio fotógrafo Henri Cartier-Bresson ao definir o que é o instante decisivo.

“A câmera fotográfica é para mim um caderno de esboços, o instrumento de intuição e da espontaneidade, o soberano do instante que, em termos visuais, que ao mesmo tempo questiona e decide”. Para significar o mundo, temos que nos sentir implicados no que recortamos através do visor. Essa atitude exige concentração, sensibilidade e senso de geometria. É por uma economia de meios e, sobretudo, um esquecimento de si mesmo que chegamos à simplicidade de expressão. Fotografar é prender a respiração quando todas as nossas faculdades convergem para captar a realidade fugida; é então que a captura de uma imagem é uma grande alegria física e intelectual. Fotografar é, num mesmo instante e numa fração de segundos, reconhecer um fato e a organização rigorosa das formas percebidas visualmente que exprimem e significam esse fato. É colocar na mesma linha de mira a cabeça, o olho e o coração. “É um estilo de vida”. (BRESSION, 2011)

Canclini (2019) cita que a política cultural não pode ser como o trabalho do arqueólogo, que remove minuciosamente o que se acrescentou sobre as ruínas, recolhe as pedras que caíram e reconstrói fora da realidade à ilusão de outro tempo. “Os processos culturais não se parecem com as vitrines dos museus, nem com os sítios arqueológicos, mas com a organização indecisa ou atordoada das nossas cidades”(CANCLINE, 2019, p. 64). Os movimentos culturais são organismos vivos, compostos pela diversidade de expressão, símbolos, campos e significados que devem ser captados, preservados, contestados e adaptados por meio dos recursos midiáticos e tecnológicos existentes, como a mobgraphia. Contudo, de forma alguma se deve delimitar o processo fotográfico como um “mero artefato” a compor um relatório das ações de política pública a serem engavetadas e desengavetadas. E sim, como uma memória a ser usufruída e transposta para as futuras gerações de forma a preservar e enaltecer a memória, os símbolos e práticas culturais, e da mesma forma é

necessário promover a ruptura de atos de violência, racismo e discriminação de gênero, religião e etnias. Logo, para que o detentor da ferramenta móvel tenha posse do pleno direito de realizar o ato de fotografar, visto que tal processo se difere da detenção do campo simbólico da perspectiva de como ser um fotógrafo, como cita Cartier-Bresson:

Um fotógrafo pode captar a coincidência de linhas simplesmente ao mover a cabeça uma fração de milímetro. Pode modificar a perspectiva com um leve dobrar de joelhos. Ao colocar a câmera próxima ou distante do objeto, o fotógrafo pode desenhar um detalhe - ao qual toda a imagem pode ficar subordinada ou ainda que tire quem faz a foto. De qualquer modo, o fotógrafo compõe a foto praticamente na mesma duração de tempo que leva para apertar o disparador, na velocidade de um ato reflexo. Algumas vezes acontece de o fotógrafo paralisar, atrasar, esperar para que a cena aconteça. Outras vezes, há a intuição de que todos os elementos da foto estão lá, exceto por um pequeno detalhe. Mas que detalhe? Talvez alguém repentinamente entrando no enquadramento do visor. O fotógrafo, então, acompanha seu movimento através da câmara. Espera, espera e espera, até que finalmente aperta o botão - e então sai com a sensação de que captou algo (embora não saiba exatamente o quê) [...]. (BRESSION, 1952)

Assim como as inúmeras diferenças entre a máquina fotográfica e a mobgrafia, uma que certamente modificou o ato de fotografar é a capacidade de armazenamento, visto que passamos de 36 poses em filme para a métrica de dados em *terabyte*, o que suporta um número infinitamente maior de imagens. A ferramenta móvel não compartilha da espera sobre o ponto de observação como aborda Bresson, mas ainda assim a mobgrafia proporciona ao detentor do clique fotográfico a possibilidade do usufruto de tais recursos.

De forma que as mudanças de hábitos são recorrentes, inevitáveis e impostos pelo mercado por contido avanço tecnológico gerado pelo fluxo urbano dinâmico e acelerado como nos anos de 2019 a 2022 por conta da pandemia ocasionada pela Covid-19. Neste período, observamos a “máquina cultural”, que antes enfatizava o espaço público, adentrando cada vez mais ao consumo e gasto que levam à “cultura a domicílio” (CANCLINI, 2019, p. 80). Mas, apesar de todo e qualquer avanço técnico e linguístico que se possa transcender no aspecto da criação e consumo cultural, a fotografia e suas linguagens, técnicas e ferramentas, como a mobgrafia, tornaram-se expoentes como registro e difusão da memória e práticas culturais neste período pandêmico em que o consumo as redes como o *Instagram* e o *TikTok* cresceram com o aumento de vídeos, conforme cita a pesquisa *The Evolution of Social Media Report* feita pela empresa *App*. (OLHAR DIGITAL, 2021).

4. DIFUSÃO E REGISTRO DE PRÁTICAS CULTURAIS - PROJETO REDE ESCOLA RIO

Na busca de se compreender a relação do aparato tecnológico móvel e sua influência no consumo, difusão de práticas culturais e sua ascensão no período de isolamento social na pandemia do Covid-19, foi realizado o recorte de estudo sobre a dinâmica e o impacto do projeto RER no usufruto da mobgraphia como prática de ensino e difusão cultural. Para tanto, foi convidado para entrevista o coordenador Fernando Mozart, do projeto Rede Escola Rio – RER – nas edições de 2020 e 2021. Mozart trabalha com audiovisual desde 1984, em um período que se começavam miniaturizar os equipamentos, chegando aos vídeos BETAMAX, VHS, BETACAM, um processo importante para o vídeo independente no Brasil. Fernando mantém essa correlação entre o audiovisual e a educação que acabou se ampliando para mídia-educação, indo além da relação entre audiovisual e nos espalhamentos sobre arte e tecnologia que se transpõem nas ações do RER. Inclusive, o projeto é promovido em parceria entre uma produtora de audiovisual chamada *Bang filmes* e a Secretaria Municipal de Educação do Estado do Rio de Janeiro por meio do desenvolvimento de oficinas de audiovisual, documentário e fotografia com a finalidade de incentivar as escolas públicas a se apropriem do audiovisual no campo da educação na formação de professores. O projeto tem por finalidade fazer os docentes desenvolverem trabalhos com audiovisual, especialmente com o uso do celular com os alunos e parceiros nas escolas a fim de incentivar a apropriação dessas linguagens, foto e vídeo e técnicas no campo da educação. Assim, Mozart, durante a entrevista, cita acerca da fotografia:

Se por um lado se banalizou o ato de se fotografar, que traz consequências negativas, mas o bom da democratização da fotografia é o acesso ao ato de fotografar, de forma que as pessoas possam perceber que a fotografia é uma linguagem que você pode se expressar de diversas maneiras, não basta você dar um clique para você se expressar criativamente por meio da fotografia com celular. Então, a banalização, às vezes, faz com que você pelo excesso de facilidade, o excesso de uso, na realização do clique comum, banal, você não se dá conta que é uma linguagem expressiva e você pode se desenvolver dentro dela e com isso ampliar suas possibilidades de expressão, mas eu percebo que a fotografia tem um potencial imenso como expressão artística, mas também nos contextos sociais, educativos e culturais. (MOZART, 07/03/2022. Entrevista via *Zoom Meeting*)

Como o transcorrer do cultivo de grãos para o cultivo da mente (THOMPSON, 1990, p. 167), o espírito e pensamento humanos mostram-se oriundos de conectivos neurais que em

dias atuais se fazem interligados a meios tecnológicos na manifestação e inserção de expressões verbais e visuais no dia a dia do Pós-humano. De forma que a tecnologia sempre foi extensão do corpo do homem e hoje o celular faz parte desse contexto. “Ele é uma expansão que pode apresentar em mil possibilidades benéficas para o ser humano como extensão, mas se não for bem trabalhada pode atualizar e agravar os problemas atuais”(MOZART; 07/03/2022 – Entrevista Zoom meeting). E o entrevistado complementa:

Somos frutos da cultura, mas a cultura antecede o nosso nascimento, e nós somos seres culturais, seres sociais, então por meio da fotografia e outras linguagens a gente ler o mundo e expressa o mundo, então nós como seres culturais, seres sociais também somos seres de memória, e com isso por meio da fotografia a gente sempre está articulando de alguma maneira aquilo que a gente percebe no momento, com aquilo que a gente já é; nossa memória, nossa história, nossa biografia. Então o clique está sempre atravessado por tudo que a gente ver, tudo que a gente sente, por tudo que a gente é, e inclusive já foi, e é no momento presente, o clique ele é atravessado por tudo isso, então memória, cultura, fotografia estão profundamente articulados. (MOZART, 07/03/2022. Entrevista via Zoom Meeting).

Seja por meio de singularidades técnicas e empíricas no usufruto do celular com ações e processos experimentais, técnicos, artísticos e formativos, como o projeto Rede Escola Rio, de acordo com o que explica o coordenador pedagógico Fernando Mozart sobre o objetivo do trabalho desenvolvido como meio de incentivar que a escola pública trabalhe mais com o audiovisual e fotografia por meio do uso do celular. De forma que a ferramenta móvel se manifesta como um item tecnológico acessível e presente muitas das vezes no cotidiano dos alunos. E se deve incentivar que a escola pública faça parte da realidade da existência dos celulares na mão dos alunos e que isso vire uma prática mais constante dentro da escola, de forma que aproxime a relação entre professor, aluno e comunidade por meio da mobgraphia.

O celular é algo que está na mão dos alunos, e eles já dominam e já gostam, o projeto RER tenta incentivar que a escola já parta de certa realidade que é a existência dos celulares na mão do pessoal para incentivar, para que isso vire uma prática mais constante dentro da escola, porque essas linguagens podem ajudar aproximar o professor do aluno, a escola da comunidade, a escola da vida contemporânea. A escola se distancia com certa facilidade da vida cotidiana dos seus alunos e da sua comunidade e é muito importante que ela esteja perto que ela consiga beber da vida concreta dessas pessoas para desenvolver o seu processo educacional, ou seja, o processo educacional ele deve interagir com a vida concreta

das pessoas com a cultura dos alunos da comunidade essa cultura ela é a matéria prima do processo de ensino-aprendizagem. Não só a cultura dos alunos e da comunidade existe uma cultura geral, e a escola visa socializar uma cultura construída pelos séculos, mas a escola hoje não é mais a transcrição desse saber para a cabecinha dos alunos como se eles estivessem vazios de cultura, eles têm essa vivência deles que se expressa em culturas particulares, e é preciso fazer interagir as culturas de particulares dos alunos, da comunidade, e do território com esse saber mais universal que está relacionada ao passado, a escola precisa criar formas de interagir essas coisas por meio da linguagem audiovisual e da fotografia, você pode ajudar a criar um contexto mais favorável, um ambiente mais favorável para promover assim interação. (MOZART, 07/03/2022. Entrevista via *Zoom Meeting*).

Seja entre o processo educacional e a vida concreta das pessoas, correlacionando a cultura dos alunos, da comunidade ao processo de ensino-aprendizagem. O espaço formativo e seu método de ensino precisam criar formas de interagir com esses aspectos técnicos e a potencialidade das plataformas digitais, e as redes sociais,”(MOZART; 07/03/2022 – Entrevista *Zoom meeting*). E o entrevistado complementa:

Essas plataformas parecem muito importantes nesse processo mais amplo de democratização do audiovisual e da fotografia, são espaços potencialmente colaborativos onde as pessoas podem subir o seu material com certa facilidade, trocar materiais, comentar os materiais, então tem um potencial de interação, colaboração e difusão muito grande. No entanto uma maior parte dessas redes sociais. Acredito que a gente está no início do surgimento dessas redes. Elas ainda são guiadas de uma maneira muito selvagem pela disputa de atenção do seu público então elas precisam, melhor, elas agem de uma maneira muito agressiva para capturar atenção e torná-la cativa e isso é feito de uma maneira tão forte que boa parte das crianças e adolescentes e até adultos ficam viciados nessas plataformas a partir dos recursos que elas criam como o *gostei, likes, compartilhamentos e comentários*. O algoritmo é todo programado para valorizar excessivamente esses aspectos que exploraram essa carência humana, seja do retorno, o gostei, o eu gostei da sua foto, que é eu gosto de você. Quer dizer, as pessoas precisam ser alimentadas pelo reconhecimento que gera uma gotinha de dopamina no seu cérebro dando retorno positivo, então elas exploram esses aspectos de uma maneira muito intensa e você está gerando certa dependência, e isso acaba virando um pouco a droga principal do século 21, droga de dependência, uma espécie de dependência química de dopamina que é o hormônio do retorno positivo. (MOZART, 07/03/2022. Entrevista via *Zoom Meeting*).

Seja no usufruto da fotografia, audiovisual no por meio da mobgraphia, da câmera analógica ou digital, um dado indivíduo pode criar, registrar um contexto ou ambiente mais favorável para promover uma interação de saberes, difusão da diversidade etnoculturais que vão bater de frente com o muro do algoritmo já que o entrevistado complementa:

Atualmente estamos viciados em viver em bolhas, de conviver com pessoas que são semelhantes com a gente, que pensam igual à gente, mas de maneira muito próxima, isso nos ajuda também a ter o retorno positivo, mas a gente começa a ter dificuldade de conviver com os outros que são diferentes, então esse é um aspecto negativo de você se viciar e conviver apenas com os iguais porque a vida é diversidade, e quando você não se educa para diversidade você escuta menos, dialoga menos, você começa a acreditar que, quem pensa diferente é inferior a você, e no limite gera o contexto de ódio que a gente convive hoje, onde o diferente é encarado como um inimigo. Então essa dificuldade de viver fora da bolha é uma alimentação muito grande, seja em termo de convivência de você aprender a estar na diversidade que é própria da vida, assim como você fica limitado culturalmente porque você só se alimenta de algumas poucas possibilidades. Enquanto que se você atravessar as bolhas é atravessar as várias vidas, você pode vir até acesso a muito mais coisa, a diversidade expressiva da vida, do mundo e culturas diferentes, etnias diferentes, formas de ser diferentes. Nós precisamos disso! Somos fruto disso! Dessa sociabilidade ampla, nessa convivência na diversidade. E hoje estamos limitados nesses aspectos. (MOZART; 07/03/2022 – Entrevista Zoom meeting).

Já que a imagem tomou futuro, e o futuro é imagem. Principalmente a imagem em movimento, as próprias redes sociais sinalizam isso no presente. O vídeo está dominando o *Facebook*, *Instagram* e a linguagem do *TikTok*. O algoritmo é programado para valorizar o vídeo, isso é o presente. E com o surgimento do 5G aumentando à capacidade no transporte de dados e a imagem tende a crescer e dominar, e já está dominando o espaço virtual, de forma que a imagem deixa de ser apenas a imagem de foto e vídeo tradicional 2D para ocupar o espaço 3D, especialmente de realidade virtual e realidade aumentada. Tem-se, portanto, o então chamado Metaverso, a internet 3D com esses recursos disponíveis a partir do 5G e posteriormente do 6G de modo que a tecnologia sempre foi extensão. Ela era e continua sendo. O celular faz parte desse contexto. O aparelho é uma expansão e essa pode apresentar mil possibilidades benéficas para o ser humano como extensão, mas, se não for bem trabalhada, pode atualizar e agravar os problemas atuais. (MOZART; 07/03/2022 – Entrevista *Zoom Meeting*).

Visto que o domínio da realidade virtual e da realidade aumentada na internet, que é o Metaverso, significa uma espécie de gamificação do universo virtual. Já conhecemos o potencial do game no engajamento de seu usuário, e a realidade virtual, realidade aumentada, agem nessa direção. Ou seja, a próxima geração de internet e o Metaverso são de um engajamento, de uma capacidade de sedução ainda maior do que a atual em que nós já dependemos. Então, se isso abre um potencial tremendo de interação, interesse e curiosidade de recursos disponíveis da cultura humana, que é fantástico. Ao mesmo tempo pode vir a agravar problemas que já são bastante falados nas redes sociais, que é a convivência da diversidade. E a internet se transforma em um lugar com vícios e ficamos cativos, prisioneiros dentro de “bolhas sociais”, das quais temos dificuldade de nos distanciarmos. Como é que se consegue se envolver mergulhando no Metaverso e, ao mesmo tempo, dar um passinho atrás para observar o que está vivendo? De modo a poder se separar um pouco desse mergulho acrítico no qual ficamos boiando no universo de informação visual altamente sedutora, mas não conseguimos discriminar para poder pensarmos criticamente e assim fazermos outras coisas que não sejam apenas navegar nessas ondas imagéticas em dimensões 3D.(MOZART; 07/03/2022 – Entrevista *Zoom Meeting*)

E o fato de estarmos vivo nos coloca no mundo das práticas culturais. Existe uma concepção mais antiga de cultura como arte, mas a cultura vai muito além da arte. Esta é só uma parte da vida cultural, na verdade o ser humano é um ser cultural. E, até quando estamos dormindo, estamos no contexto cultural. O seu sonho é uma forma particular de relacionar o seu inconsciente com o seu consciente, é uma leitura – vamos dizer assim – do inconsciente da sua vida consciente. Então os dois, de alguma maneira, também estão relacionados com a cultura, logo, nós somos seres que praticamos cultura até dormindo. E a gente vive num conceito de mundo muito consumista, muito acelerado e com algumas práticas culturais nesse sentido de espírito que querem dominar completamente o espaço de convivência humana, então aquilo que não está a serviço do consumo, da moda, da chamada indústria cultural voltada para a grande audiência tende a ficar marginalizadas, então outras formas de viver ficam com muitas das vezes excluídas da difusão da grande mídia, ou marginalizadas, ou esquecidas. Então esse trabalho de preservação é importante para manter a diversidade cultural humana, étnica e não perdemos essa riqueza que nos constitui. É importante um trabalho de preservação que não seja um trabalho que negue a vida, e que traga essas práticas que não são hegemônicas para a convivência, para circulação no mundo atual. Imagina o que seria o pagode sem o samba de raiz? (MOZART; 07/03/2022 – Entrevista *Zoom Meeting*).

Esse é o desafio da imagem em um futuro breve, é um desafio civilizatório muito importante porque vai exigir que a gente se eduque de maneira completamente diferente para poder usar bem tal recurso, ou ficar ainda mais viciado e mais manipulado pelo o que já está acontecendo na sociedade. Ou seja, a internet é maravilhosa como potencial, juntamente com essa relação do olhar, conexão tecnológica e criação visual acessível por meio da mobgraphia. Entretanto, esse potencial pode ser exercido de uma maneira benéfica ou não. E o Metaverso é similar, uma vez que vai depender de como a gente se relaciona com a imagem no Metaverso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A não concessão ao direito de fotografar ou acesso ao campo simbólico como fotógrafo não impede o usufruto da fotografia móvel na expressividade visual, identitária e plástica por meio da mobgraphia. Mas o fotógrafo móvel, embebido dos acessos institucionais por meio de seu reconhecimento de mercado, título, quadro social e capital econômico, detém o entendimento ao direito de fotografar e de atravessar barreiras sociopolíticas e raciais como uma “simples” revista policial em que o fotógrafo preto perde seu equipamento e necessariamente precisa comprovar sua posse por meio de nota fiscal. A contra ponto, um perfil branco, que muitas vezes não chega a sofrer uma revista policial como cita a reportagem da CNN Brasil: “Negros correspondem a 63% das pessoas abordadas por policiais no Rio de Janeiro” (CNN BRASIL, 15 fev. 2022).

O presente artigo não busca chegar a uma afirmativa sobre a existência ou não de empecilho que transitam no entendimento sobre o acesso ao campo simbólico como fotógrafo e seu direito de fotografar. Logo, apesar dos dados apresentados, muitos desses apontamentos trazem além da perspectiva do acesso à maquinaria e saberes, mas sua relação humana nos espaços sociais, étnicos e raciais que transcendem apontamentos técnicos como a chegada da primeira câmera móvel de 0,11 megapixel a contrapor o uso de um celular de 108 megapixels da *Realme* e tantos outros aparelhos que despontam por sua tecnologia a serviço do olhar, da ação, do homem e sua busca pelo clique no anseio de se comunicar por imagem.

Os aparatos tecnológicos dialogam com o campo visual de forma que uma projeção de futuro com a ausência da imagem é impensável. A fotografia é comunicação, arte e expressão que nos transporta como uma relação de memória na distorção do tempo para reviver lembranças passadas. Que na perspectiva do Metaverso, usufruiremos do campo imagético imersivo para as projeções de relações presentes, quase presentes e futuras, que de alguma

forma receamos que ainda dialogue com os reflexos das redes sociais e as tribos, bolhas por elas formadas, nas quais o não acesso à pluralidade pode criar uma geração de humanóides, homens-máquina, não ao melhor dos sentidos de sua leitura sobre a extensão do olhar, ou a relação biológica e mecânica sobre o avanço da percepção de leitura do mundo e sua conectividade no conceito de pós-humano. Mas sim, sobre um olhar limitado às ilhas de interesse, às bolhas sociais, às tribos citadas.

Talvez esteja radicalizando um aspecto que ainda se molda para uma estabilidade e concretude. Mas é inegável que os avanços tecnológicos mudem o valor da relação social do homem, visto que a tecnologia é feita para sucumbir aos seus múltiplos caprichos. E da mesma forma que Cartier-Bresson (2007) disse esperar nunca presenciar aparatos fotográficos que possam trazer ao fotógrafo ferramentas de composição a ser embutida na câmera como a regra dos terços. Nesse raciocínio, espera-se que o mundo do Metaverso traga a expressão da equidade social sobre o campo da imagem que a contemporaneidade não expressa. Visto que o direito de fotografar está além da chancela institucional ou da indústria audiovisual, mas permeia a capacidade de existência sobre corpos e grupos sociais que se encontram na mira de uma prática de opressão e de extermínio do poder público a dito grupos de minoria que compõem mais da metade da população brasileira, o homem e a mulher preta. E, apesar de trazer para o presente artigo uma conclusão voltada à racialização, o mesmo ocorre em meio de pesquisa, notícias e vivências particulares que me atravessam para além do pesquisador, criador deste processo empírico.

Apesar de dialogar sobre a perspectiva de que o direito de fotografar não precisa ser convertido como um dever do Estado na manutenção do ato fotográfico e sua chancela na mobgraphia como uma premissa irrevogável, imprescindível como aborda Antônio Candido (2011), muito menos o seu inverso por meio da inexistência desse direito, no não acesso à vida cultural como projeção do cultivo da mente (THOMPSON, 1990). O não direito de fotografar é proporcionado pelo ceifar de uma vida, pela opressão de um corpo, identidade e suas práticas culturais. O presente artigo traz para essa pesquisa a reflexão que a detenção ao campo simbólico não permeia exclusivamente a obtenção de processos formativos, aquisição de bens e valor. Mas o direito de fotografar inicia-se pela cor da pele, na manutenção da vida de um homem, mulher negra em amplo gênero e orientação sexual, seja essa barroca, periférica, indígena, nortista, nordestina e tantos outros povos e grupos socioculturais que não cabe apenas no eixo Rio de Janeiro e São Paulo. Para assim proceder com a manutenção de sua memória, de sua identidade, de suas práticas culturais no usufruto da mobgraphia, da fotografia estática e em movimento e suas vertentes. Mas de forma a entender que nem todas

as práticas culturais devam ter sua manutenção garantida no momento que seu ato ofenda, oprima e violente corpos, memória, comunidades e costumes de grupos culturais.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA INTERNACIONAL DE CINEMA. **História do cinema: confira este guia e se destaque!**.2020. Disponível em: <https://www.aicinema.com.br/historia-do-cinema-confira-este-guia-e-se-destaque>. Acesso em: 15 abr. 2022.

AGRELA, Lucas. **Novo celular da Realme com câmera de 108 megapixels esquentou competição**. 2021. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/novo-celular-com-camera-de-108-megapixels-esquentou-competicao/>. Acesso em: 09 abr. 2022.

ALVES, Raphael Freire; CONTANI, Miguel Luiz. O “Instante Decisivo”: uma estética anárquica para o olhar contemporâneo. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 4, n. 4, p. 127-144, abr. 2008.

BICUDO, Lucas. **TikTok: entenda tudo sobre o maior fenômeno da geração z na internet**. entenda tudo sobre o maior fenômeno da Geração Z na internet. 2019. Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/tiktok-o-que-e/>. Acesso em: 12 abr. 2022.

BORTONE, Mayra Gomes Rosa. **Da fotografia à mobgrafia: um recorte sobre como as novas mídias transformaram o modo de produção, compartilhamento e consumo de cultura**. 2017. 39 f. Monografia (Especialização) - Curso de Mídia, Informação e Cultura, Celacc, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/artigo_mayrabortone_midcult_final_13.06.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.

CANCLINE, GARCIA. **Política Cultural: Conceito, Trajetória & Reflexões**. Salvador: UFBA, 2019.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: _____ . **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004. p. 174-182.

CANONGIA, Ligia. **Câmara de Luz**. Coleção arte e tecnologia. Rio de Janeiro: Oi Futuro, 2006.

CARTIER-BRESSON, Henri. **The Decisive Moment**. Nova York: Steidl/Dap, 2015. 160 p. Tradução livre Paulo Thiago de Mello.

_____. **PhotoPoche**. São Paulo: Cosac & Naify, 2011. 144 p.

G1. **Facebook anuncia que seu metaverso terá casas virtuais**. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2021/10/28/facebook-anuncia-que-seu-metaverso-tera-casas-virtuais.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2022.

GARRETT, Filipe. **Como as câmeras dos celulares evoluíram: veja tecnologias lançadas até hoje**. veja tecnologias lançadas até hoje. 2018. Disponível em:

<https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/03/como-as-cameras-dos-celulares-evoluiram-veja-tecnologias-lancadas-ate-hoje.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2022.

MACHADO, Arlindo. **Pré-Cinemas & Pós-Cinemas**. 6. ed. Campinas: Papirus, 1997. 272 p.

MAIA, Alexandre. **As 100+ da Time: o cavalo em movimento**. O cavalo em movimento. 2019. Disponível em: <https://www.fotografia-dg.com/horse-in-motion-muybridge/>. Acesso em: 15 abr. 2022.

RESENDE, Isabelle. **Negros correspondem a 63% das pessoas abordadas por policiais no Rio de Janeiro**. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/negros-correspondem-a-63-das-pessoas-abordadas-por-policiais-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SOARES, Lucas. **Instagram e TikTok crescem na pandemia com aumento de vídeos, diz pesquisa**. 2021. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2021/09/07/internet-e-redes-sociais/instagram-e-tiktok-crescem-na-pandemia-com-aumento-de-ideos-diz-pesquisa/>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SANTAELLA, Lucia. **Pós-humanos: parte 01**. Parte 01. 2020. Programa Capital Natural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4nQqHE3cuPU>. Acesso em: 12 abr. 2022.

THOMPSON, John. **Ideologia e Cultura Moderna**. Petrópolis: VOZES, 1990.